RESCX Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0043

"PROJETO QUELÔNIOS CARAÁ: EU VOU PROTEGER" - UMA INICIATIVA COMUNITÁRIA DE CONSERVAÇÃO DE TRACAJÁS *(PODOCNEMIS UNIFILIS)* EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA DA AMAZÔNIA

"PROJECT CARAÁ TURTLES: I WILL PROTECT" - A COMMUNITY INITIATIVE FOR THE CONSERVATION OF TRACAJÁS (PODOCNEMIS UNIFILIS) IN A RIVERINE COMMUNITY OF THE AMAZON

Maurício Braga Castro e Felipe Bittioli Rodrigues Gomes

RESUMO
A conservação dos quelônios amazônicos representa um importante ponto de desafio socioambiental na Amazônia, em especial diante da pressão sobre a espécie tradicionalmente utilizada de consumo por comunidades ribeirinhas. Este estudo registra, analisa e valoriza uma iniciativa comunitária de conservação desenvolvida na comunidade Maria de Mathias, localizada na Reserva Extrativista verde para sempre, no Município de Porto de Moz, Pará. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, no ato da pesquisa foi utilizado entrevistas abertas, questionários semiestruturados e observação das atividades de manejo realizadas no decorrer do projeto em especial aos meses de outubro e novembro de 2025. Os resultados demostram que ao longo da mobilização comunitária de conservação de quelônios contribuiu significativamente para a proteção dos ninhos, monitoramento reprodutivo, e o sucesso na soltura dos filhotes, com o grande aumento no número de indivíduos protegidos após a implementação de estratégias e técnicas adotadas. Ao longo dos anos depois da criação do projeto, os comunitários registram anualmente um grande aumento no número de solturas de filhotes no decorrer dos anos, isso evidencia a eficácia das ações adotadas. O envolvimento direto dos moradores, junto ao conhecimento tradicional e a educação ambiental, fortaleceu o compromisso coletivo com a preservação da biodiversidade. Conclui-se que esses tipos de iniciativas comunitárias são representação de estratégias que dão certo e são eficazes para a conservação da fauna amazônica, trazendo muitos benefícios ecológicos, sociais e educativos de conscientização, além de contribuir significativamente para o uso sustentável dos recursos naturais e priorizando e valorizando os conhecimentos empíricos.
Palavras chaves: Manejo Comunitário. Educação Ambiental. Conhecimento Tradicional. Biodiversidade.

ABSTRACT
The conservation of Amazonian turtles represents an important socio-environmental challenge in the Amazon, especially in the face of pressure on the species traditionally used for consumption by riverside communities. This study records, analyzes, and highlights a community conservation initiative developed in the Maria de Mathias community, located in the Verde para Sempre Extractive Reserve, in the Municipality of Porto de Moz, Pará. The research adopts a qualitative approach; during the study, open interviews, semi-structured questionnaires, and observation of management activities carried out throughout the Project were used, particularly in the months of October and November 2025. The results show that the community mobilization for turtle conservation contributed significantly to the protection of nests, reproductive monitoring, and the success of hatchling release, with a substantial increase in the number of individuals protected following the implementation of strategies and techniques adopted. Over the years following the project's creation, community members have recorded an annual significant increase in the number of released juveniles, highlighting the effectiveness of the actions taken. The direct involvement of residents, combined with traditional knowledge and environmental education, strengthened the collective commitment to biodiversity preservation. It is concluded that these types of community initiatives represent strategies that work and are effective for the conservation of Amazonian fauna, providing numerous ecological, social, and educational awareness benefits, in addition to significantly contributing to the sustainable use of natural resources while prioritizing and valuing empirical knowledge.
Keywords: Community Management. Environmental Education. Traditional Knowledge. Biodiversity

1 INTRODUÇÃO

Os quelônios, grupo que inclui tartarugas, cágados e tracajás, possuem grande relevância ecológica e sociocultural na região amazônica. Os quelônios existem, aproximadamente, desde o Jurássico (250 milhões de anos) até hoje, e possuem aproximadamente 350 espécies de água doce e terrestres e sete marinhas e 34 terrestres (Rhodin *et al.*, 2025). Durante o fim do Cretáceo e o começo do Paleoceno, os répteis sofreram uma extinção em massa, quando muitas tartarugas de diversas famílias foram

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0043

extintas (Andrade, 2015). Esses animais habitam rios, lagos, igarapés e áreas sazonalmente alagadas, desempenhando funções essenciais no equilíbrio ambiental, como a dispersão de sementes e a ciclagem de nutrientes. Além disso, fazem parte da vida das populações ribeirinhas há várias gerações, sendo utilizados como recurso alimentar e integrando práticas tradicionais (Moll, 2004).

No Brasil, destaca-se o gênero *Podocnemis*, amplamente distribuído na Amazônia e composto por espécies de grande importância ecológica e econômica. Entre as espécies presentes no país estão *Podocnemis expansa* (tartaruga-da-amazônia), *P. sextuberculata* (iaçá), *P. erythrocephala* (irapuca) e *Podocnemis unifilis*, conhecida popularmente como tracajá (Vogt, 2008). Embora pertençam ao mesmo gênero, essas espécies apresentam diferenças relacionadas ao tamanho, ao comportamento, ao habitat e às estratégias reprodutivas, o que evidencia a diversidade dos quelônios amazônicos.

A espécie *Podocnemis unifilis* é uma das mais amplamente distribuídas na bacia amazônica, ocupando ambientes variados, como lagos, igarapés e rios principais. As fêmeas da espécie são popularmente conhecidas no Brasil como “tracajá” e os machos como “zé prego”, e possuem porte médio, podendo atingir cerca de 40 cm de comprimento de carapaça, e apresenta manchas amareladas características na cabeça, que auxiliam na identificação da espécie. Sua dieta é diversificada e inclui frutos, sementes, folhas, pequenos invertebrados e matéria vegetal em decomposição, o que demonstra sua capacidade de adaptação a diferentes ambientes. Os quelônios não possuem dentes e as mandíbulas desenvolvidas assumem a forma de um bico córneo. A língua é não extensível, apresenta pálpebras e pescoço geralmente retrátil (Andrade 2015).

É uma espécie aquática e seu hábitat abrange rios, lagos, mas não há nenhuma preferência aparente por rios de água preta ou branca. Na cheia migram para o interior da floresta alagada. Filhotes, juvenis e machos apresentam manchas amarelas na cabeça e é o quelônio mais comum da América do Sul (Vogt, 2008). “A fêmea adulta pesa em torno de oito quilos e mede cerca de 38 cm, são maiores que os machos e possuem a cauda mais fina” (Pritchard; Trebbau 1984). Procura desovar isoladamente em barrancos, em covas de, aproximadamente, 30 cm de profundidade onde coloca 35 ovos em média (Soini, 1995), e é considerada a segunda espécie mais consumida na região amazônica. Andrade (2015) afirma que:

> São quelônios que vivem nas águas da Amazônia e fazem seus ninhos de acordo com seu especo geográfico em barrancos, tesos, e outros. Aos 7 anos de idade e 4 kg de peso fazem pela 1ª.vez seus ninhos de 18-25 cm profundidade e põem em média 23-35 ovos (Mínimo=10; Máximo= 50 ovos) alongados de casca dura com coloração bege a avermelhada. Os machos são menores, pesam cerca de 3 kg e tem pintas amarelas na cabeça igual aos seus filhotes, que nascem após 58 a 62 dias de incubação.

A reprodução de *P. unifilis* está fortemente associada ao ciclo hidrológico amazônico. Durante o período de seca, as praias, tesos, ilhas e barrancos tornam-se ambientes adequados para a construção dos ninhos e deposição dos ovos. A eclosão ocorre após algumas semanas e os filhotes enfrentam diversos fatores de risco, como predação e variações ambientais, tornando essa fase uma das mais vulneráveis do ciclo de vida da espécie (Vogt; Bier, 2019). Em razão disso, programas de manejo comunitário e ações de proteção de ninhos têm sido fundamentais para apoiar a conservação do tracajá em diversas regiões da Amazônia.

Além da relevância ecológica, os quelônios, especialmente *P. unifilis*, possuem grande importância sociocultural para os povos ribeirinhos. O consumo desses animais é considerado tradicional e historicamente presente nas comunidades amazônicas (Reis, 2015). Contudo, o aumento da pressão humana sobre as populações naturais evidencia a

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0043

necessidade de estratégias que conciliem o uso tradicional com práticas de conservação sustentáveis, garantindo a manutenção da espécie para as gerações futuras. As comunidades tradicionais da Amazônia indígenas, quilombolas e ribeirinhas mantêm uma relação ancestral com os animais aquáticos, especialmente com o tracajá (*Podocnemis unifilis*). O conhecimento sobre os ciclos reprodutivos, os ambientes de desova, o comportamento e a disponibilidade da espécie fazem parte do cotidiano dessas populações, sendo transmitido de geração em geração.

A dieta tradicional, baseada em alimentos produzidos ou coletados no território, inclui o tracajá como recurso importante e culturalmente valorizado. Ao mesmo tempo, esses saberes têm contribuído para ações de manejo comunitário, como a proteção de ninhos e o cuidado com filhotes, mostrando que o conhecimento local desempenha papel essencial tanto na subsistência quanto na conservação da espécie na Amazônia. O consumo de espécies silvestres, como ocorre tradicionalmente entre populações ribeirinhas da Amazônia, não representa necessariamente uma ameaça direta de extinção. Pelo contrário, quando esse uso é guiado por práticas culturais, regras comunitárias e conhecimento ecológico local, ele tende a manter um equilíbrio entre necessidade humana e conservação. Populações tradicionais costumam estabelecer períodos de defeso, selecionar indivíduos adequados para o consumo e evitar pressões sobre ovos e filhotes estratégias que, ao longo de gerações, garantiram a continuidade de espécies como o tracajá. No entanto, esse equilíbrio é rompido quando elementos externos entram em cena, como a exploração comercial predatória, a retirada ilegal em grandes quantidades ou a perda de habitat. Segundo Faria, (2018, p. 131) “Esses animais têm o seu habitat cada vez mais antropizado e têm sido alvo de caça e comércio ilegais, colocando em risco a sobrevivência das espécies, levando à necessidade de programas permanentes de monitoramento e manejo”. Assim, a sustentabilidade depende não apenas do respeito às práticas tradicionais, mas também do fortalecimento dos projetos comunitários de manejo, que unem saber local e conhecimento científico para assegurar que o consumo seja compatível com a conservação e não contribua para o risco de extinção.

Na Resex Verde para Sempre, as ações de conservação ganham força ao integrar a atuação do ICMBio com o protagonismo das comunidades ribeirinhas. Várias experiências de manejo comunitário têm sido desenvolvidas pelas populações ribeirinhas amazônicas, indicando resultados satisfatórios, uma vez que nos últimos 40 anos, atividades que envolvem a participação de moradores de comunidades tradicionais têm demonstrado altos índices de sucesso para conservação dos recursos naturais. Segundo Pomeroy; Rivera-Guieb (2005) “Projetos de referência na Amazônia, como o Pé-de-Pincha (PPP) e o Quelônios da Amazônia (PQA), servem de base para práticas de manejo participativo que inspiram e fortalecem as iniciativas locais de proteção do tracajá”. Essas ações envolvem monitoramento de praias, proteção de ninhos, registros de dados e soltura de filhotes, sempre articuladas com o conhecimento ecológico tradicional dos moradores. A educação ambiental (EA) funciona como eixo central, promovendo a sensibilização de crianças, jovens e adultos sobre a importância ecológica dos quelônios e reforçando o compromisso coletivo com o uso sustentável. Segundo Rocha, Terán, (p. 57-70, 2017):

> A educação Científica, como esse mecanismo capaz de melhorar a visão do mundo, deve acompanhar os indivíduos desde sua mais tenra idade escolar, e não se condiciona necessariamente ao domínio do código escrito ou somente aos espaços institucionais de ensino formal, podendo ser orientado a partir de práticas e vivências cotidianas do indivíduo.

Dessa forma, a integração entre biodiversidade, ciência, gestão pública e saberes tradicionais contribui para garantir a conservação das espécies e o equilíbrio socioambiental

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0043

na região, sendo este nosso foco neste trabalho.

Baseado no contexto apresentado acima, nosso trabalho visa o entendimento, divulgação e a valorização das ações comunitárias de conservação de espécies. Assim, este trabalho justifica-se pela necessidade de compreender, registrar e valorizar as ações comunitárias de conservação realizadas na comunidade Maria de Mathias, no Rio Quati, especialmente no manejo do tracajá (*Podocnemis unifilis*). As pesquisas anteriores, incluindo o monitoramento de ninhos, a participação coletiva e o registro de fenômenos inéditos como o nascimento de trigêmeos de tracajá (Cunha *et al.*, 2024) demonstram a importância do conhecimento local para a proteção dos quelônios. Ao conectar essas experiências às ações de educação ambiental e aos projetos parceiros, como ICMBio, Pé-de-Pincha e Quelônios da Amazônia (QdA), o trabalho fortalece a divulgação científica e incentiva o protagonismo comunitário. Assim, a continuidade desta pesquisa contribui para consolidar práticas de conservação e orientar futuras ações e estudos, como o TCC sobre manejo e preservação da espécie.

Neste sentido, neste trabalho objetivamos registrar, entender e valorizar a ação comunitária de conservação dos tracajás, exaltando a importância dessas ações na educação ambiental e preservação da biodiversidade, especificamente descrevendo os primeiros passos do projeto de conservação, avaliando os métodos utilizados em comparação com projetos institucionalizados, verificando o potencial de educação ambiental do projeto e finalmente avaliando o sucesso do projeto;

2 MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 ÁREA DE ESTUDO

No município de Porto de Moz, ao longo do rio Xingu, região já sob influência do rio Amazonas e muito rica em biodiversidade, em 2004 foi instituída a Reserva Extrativista “Verde Para Sempre”, que veio em busca de regularizar o uso da terra, preservar o território, e subsidiar as comunidades quanto ao uso sustentável e conservação da floresta. Porém, muito antes da implementação da RESEX Verde Para Sempre, as comunidades localizadas nestes territórios já existiam, apresentando suas dinâmicas de uso dos recursos naturais, assim como já apresentavam suas próprias regras e modos de preservação destes recursos.

No município de Porto de Moz, situado na região do Baixo Xingu, destaca-se a Comunidade Maria de Mathias do Rio Quati, localizada na área de várzea, onde segundo Andrade (2008), é um dos ecossistemas mais ricos da bacia Amazônica em termos de produtividade biológica, biodiversidade e recursos naturais. A comunidade criada em 2002 e inserida na Reserva Extrativista Verde Para Sempre desde 2004, com mais de 200 moradores, que viviam da criação de búfalos, o extrativismo florestal e a pesca de peixes e quelônios, entretanto também já enfrentavam grandes problemas relacionados ao uso abusivo da floresta e preservação da biodiversidade, em especial pela venda irregular de madeira para grandes madeireiras da sede do município, e consequentemente, grandes índices de desflorestamento.

2.2 MÉTODOS UTILIZADOS

A pesquisa adotou, para coleta de dados, uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas abertas e questionários semiestruturados**,** mas com a possibilidade de acréscimo de novas perguntas e informações à medida que as entrevistas eram realizadas. Esse procedimento metodológico permitiu compreender os saberes locais, as práticas tradicionais e as técnicas utilizadas pelos moradores, reconhecendo a importância dos

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0043

conhecimentos empíricos na construção de estratégias de manejo e conservação. Assim, o estudo buscou valorizar as culturas tradicionais ribeirinhas, articulando o conhecimento científico com os saberes comunitários. Foram entrevistados moradores e participantes do projeto, as crianças envolvidas, e o conselheiro da RESEX.

As entrevistas foram realizadas do período de 25 de outubro a 15 de novembro de 2025 nas residências dos moradores, na escola. Para todos os participantes desta pesquisa foram apresentados e assinados termos de consentimento de uso de dados. Aos maiores de idade, foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Enquanto para os menores de idade, os seus representantes legais assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Visto que este trabalho foi desenvolvido em uma área de proteção federal, a RESEX Verde para Sempre, do município de Porto de Moz, Pará, foi necessária a solicitação de licença pelo órgão gestor, estando o trabalho sob autorização do SISBIO #103633-1.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a criação da comunidade, no ano de 2002, as famílias que já habitavam a região estabeleceram acordos comunitários voltados ao uso e à proteção dos recursos naturais, especialmente no que se refere à caça, à pesca e à extração de madeira. Esses pactos tinham como objetivo garantir o uso sustentável desses recursos, respeitando os limites necessários para a manutenção do equilíbrio ambiental e da subsistência das famílias locais.

Com o passar do tempo, o crescimento populacional interno e a intensificação da presença de pessoas oriundas de outras localidades provocaram mudanças significativas nessa dinâmica. Esse processo resultou no aumento da exploração ilegal dos recursos naturais, sobretudo da fauna e da pesca, ultrapassando os acordos anteriormente firmados e comprometendo as práticas tradicionais de manejo sustentável. Segundo Luz (2021), que verificou situação similar em outra comunidade tradicional, cita que:

> Nesse sentido, pode-se dizer que os impactos resultantes desse desequilíbrio não são um produto da natureza, mas de um conjunto de fatores de ordem social - urbanização, ascensão do modelo capitalista, pobreza, conflitos de território, expansão da fronteira agrícola, entre outros fatores, todos relacionados ao modelo econômico em curso e à forma como a natureza é apropriada, bem como as implicações ambientais ocasionadas por esse modelo.

Ao longo dos anos, comunidades vizinhas à comunidade Maria de Mathias passaram a adentrar o território em busca de caça e pescado, inicialmente, em alguns casos, para consumo próprio, mas, em sua maioria, com fins comerciais. Devido à caça de adultos e à coleta de ovos, as populações de quelônios foram visivelmente diminuindo. Adultos e ovos são coletados pelas comunidades locais para consumo ou venda. Diante desse cenário, os moradores realizaram diversas denúncias junto ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), na tentativa de viabilizar ações de fiscalização. Contudo, apesar das notificações recorrentes, não houve intervenções efetivas por parte do órgão, o que contribuiu para a continuidade das práticas ilegais na região. Segundo Iansen, Yohana (2020).

> Em um estudo sobre os aspectos da caça, comercialização e consumo de quelônios na região do corredor ecológico Araguaia/Bananal, demostraram que a maioria dos infratores são locais, apresentam baixa renda, com pouca ou nenhuma escolaridade e são do sexo masculino, o que poderia ser uma justificativa para essa falta de ação efetiva dos

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0043

órgãos competentes.

Diante da ausência de ações efetivas por parte dos órgãos competentes, os próprios moradores passaram a desenvolver iniciativas autônomas de conservação ambiental. Contudo, para que o uso desses recursos seja sustentável, é necessário que se desenvolva um programa de manejo para evitar uma superexploração (Vogt, 2003). Localmente, destaca-se então a criação do projeto comunitário de conservação do tracajá, no ano de 2020, concebido com o objetivo de proteger esse recurso natural fundamental tanto para a subsistência quanto para o consumo das famílias da comunidade. No início, a mobilização para a implantação do projeto envolveu um número reduzido de famílias, reflexo das limitações estruturais e da novidade da proposta. A principal motivação para a criação da iniciativa foi a crescente preocupação com a intensa comercialização de ovos e de indivíduos de tracajá, prática que vinha ameaçando a continuidade da espécie na região.

As dificuldades enfrentadas nos primeiros momentos do projeto incluíram a escassez de equipamentos e materiais adequados para a proteção dos ninhos contra predadores, bem como a insuficiência de voluntários para auxiliar nas atividades logísticas. Apesar desses desafios, a comunidade recorreu aos conhecimentos tradicionais já existentes, aplicando técnicas historicamente utilizadas no manejo dos recursos naturais. Paralelamente, contou com o apoio e a orientação de pessoas externas, que contribuíram com a introdução de novas estratégias de conservação, fortalecendo e qualificando as ações desenvolvidas localmente.

Nas entrevistas constatamos que as primeiras técnicas utilizadas pelos moradores não tiveram muito sucesso. Os voluntários pegavam os ovos dos ninhos e traziam para perto das casas para enterrar novamente. Isso ocasionava que a maioria dos ovos não eclodia por mudança de temperatura ou falta de cuidado no manuseio dos ovos. Atualmente os métodos que os moradores/voluntários utilizam são vigilâncias dos ninhos, monitoramento dos ninhos e transferência dos filhotes com posterior soltura em outros locais.

Um dos entrevistados afirmou que já tinha conhecimento sobre outros projetos institucionalizados de conservação de quelônios e que, a partir da leitura de um artigo relacionado a essas iniciativas, passou a conhecer e aprender novas técnicas de manejo, as quais foram aplicadas na prática e apresentaram resultados positivos. O mesmo relatou:

> “a minha participação no projeto de conservação do tracajá começou aos poucos, a partir do convívio com a família e com as pessoas da comunidade. Entrei no projeto porque fui convidado por familiares e por pessoas que já ajudavam na proteção dos tracajás, o que despertou em mim a vontade de aprender e contribuir com essa iniciativa importante para a comunidade. ajudo a vigiar os ninhos, a contar os ovos, a cuidar da incubação e a soltar os filhotes no rio. Também participo de atividades educativas, como conversas, desenhos e momentos de aprendizado sobre a natureza. A atividade que mais gosto de fazer é a soltura dos filhotes, pois é um momento de muita alegria e emoção, já que vemos o resultado do cuidado que tivemos com os ninhos”.

Quando as famílias encontravam um ninho em processo de eclosão, os filhotes eram levados para casa, onde passavam a ser cuidados pelos próprios familiares. Essa prática era realizada por todos os voluntários do projeto durante todo o período de nascimento dos filhotes e se repetia ano após ano. A soltura era feita pelas mesmas pessoas responsáveis pelos cuidados e pela alimentação dos filhotes, que, após permanecerem por um determinado tempo sob esses cuidados, eram devolvidos à natureza, já preparados para viver de forma independente. Entretanto, os voluntários não realizavam um registro geral da quantidade total de filhotes soltos por todas as famílias envolvidas no projeto. A contagem era feita de forma individual, ficando sob responsabilidade de cada família

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0043

participante. Ainda assim, com base nesses registros familiares, estima-se que, em média, o conjunto dos envolvidos no projeto realizava a soltura de mais de dois mil filhotes de tracajá por ano.

Ao longo dos anos, as famílias passaram a incorporar essas atividades em seu cotidiano, especialmente durante o período reprodutivo dos tracajás na região. Em 2022, durante uma visita à comunidade, um conselheiro de outro setor da Reserva Extrativista Verde Para Sempre apresentou a proposta de buscar apoio do ICMBio, visando à institucionalização do projeto. A sugestão foi bem recebida e prontamente acolhida pela comunidade, que enxergou na iniciativa uma oportunidade de geração de trabalho e de fortalecimento das ações de conservação, com o aumento do número de filhotes a serem soltos na região. Ainda naquele ano, foi constituída uma equipe de voluntários, formada por moradores da comunidade e por representantes do ICMBio.

Essa equipe passou a atuar de forma organizada em todas as etapas do processo de proteção dos tracajás, abrangendo desde o monitoramento dos ninhos até o momento da soltura dos filhotes. Atualmente há uma estrutura organizacional para os voluntários, e muitos dos participantes envolvidos nessas atividades são ou foram remunerados pelo ICMBio. Nesse contexto, observa-se um crescimento expressivo no número de ninhos e de filhotes monitorados em comparação aos anos anteriores. Conforme os dados levantados observa-se uma ampliação das ações de conservação. Em 2022, foram acompanhados aproximadamente 500 ninhos, o que resultou na soltura de 4.780 filhotes de tracajá. Já em 2023, esse quantitativo apresentou um aumento significativo, alcançando 10.320 filhotes soltos na região.

O avanço nos resultados está diretamente relacionado à adoção de novas estratégias de atuação pelos monitores, que passaram a desenvolver atividades como o acompanhamento do período de desova, a proteção sistemática dos ninhos, a coleta e organização de dados referentes às ações do projeto, além do uso dessas informações para análises, planejamento de intervenções futuras e práticas de educação ambiental. Segundo, Pezzuti (2020) destaca que a participação efetiva das comunidades locais é um fator determinante para o êxito de iniciativas de conservação, uma vez que possibilita a adequação das práticas de manejo às realidades sociais, ambientais e culturais de cada território.

Os resultados apresentados evidenciam que as ações comunitárias desenvolvidas na comunidade Maria de Mathias desempenham papel importantíssimo na conservação do tracajá na Resex. A trajetória do projeto demonstra que, mesmo antes da institucionalização e do apoio de órgãos oficiais, já existia um conjunto de práticas tradicionais voltadas ao uso e à proteção dos recursos naturais, construídas a partir de acordos comunitários e do conhecimento empírico acumulado ao longo de gerações. Esse cenário confirma que as comunidades tradicionais não são apenas usuárias dos recursos, mas também agentes históricos de conservação. Entretanto, os relatos apontam que o aumento da pressão externa, associado à exploração ilegal e à ausência inicial de ações efetivas de fiscalização, comprometeu o equilíbrio anteriormente estabelecido. Segundo Faria (2018), afirma Situações semelhantes.

> A comercialização de quelônios tende a se intensificar em contextos de vulnerabilidade socioeconômica e fragilidade institucional. Nesse sentido, a criação do projeto comunitário surge como uma resposta local à ameaça percebida pelos próprios moradores, reforçando o protagonismo comunitário diante da omissão ou limitação do poder público.

Os dados também indicam que as primeiras estratégias de manejo adotadas pela comunidade apresentaram limitações técnicas, especialmente no que se refere à retirada

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0043

e relocação dos ovos próximos às residências, o que resultava em baixas taxas de eclosão. Esse resultado evidencia que o conhecimento tradicional, embora fundamental, pode ser fortalecido quando articulado ao conhecimento técnico-científico. A introdução de novas metodologias, inspiradas em projetos institucionalizados e em experiências documentadas na literatura, contribuiu significativamente para o aprimoramento das práticas de manejo e para o aumento do sucesso reprodutivo da espécie.

O avanço do projeto, a partir de 2022, com o apoio do ICMBio, representa um marco importante na consolidação das ações de conservação. A formação de uma equipe de monitores remunerados não apenas ampliou a capacidade operacional do projeto, como também gerou oportunidades de trabalho e valorização social dentro das comunidades envolvidas. Esse aspecto reforça a ideia de que a conservação pode e deve estar associada à melhoria das condições de vida das populações locais, fortalecendo o compromisso coletivo com a proteção ambiental.

O crescimento expressivo no número de filhotes soltos — de 4.780 em 2022 para 10.320 em 2023 — demonstra a eficácia das estratégias adotadas após a reorganização do projeto. Esse avanço está diretamente relacionado ao monitoramento sistemático dos ninhos, à proteção contra predadores e à organização dos dados, permitindo um planejamento mais eficiente das ações. Segundo Pezzuti (2020), Esses resultados corroboram a afirmação ao destacar que a “participação ativa das comunidades locais é determinante para o sucesso de projetos de conservação, pois garante a adaptação das práticas às realidades sociais, ambientais e culturais de cada território”.

3.1 O POTENCIAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO PROJETO E O SUCESSO DO PROJETO

Outro aspecto relevante é o papel da educação ambiental no fortalecimento do projeto. A participação de crianças, jovens e adultos nas atividades de monitoramento e soltura dos filhotes contribui para a formação de uma consciência ambiental coletiva, reforçando valores de cuidado, pertencimento e responsabilidade em relação à natureza. A fala dos entrevistados evidencia que essas experiências práticas despertam sentimentos de orgulho e satisfação, funcionando como um importante instrumento pedagógico e de mobilização social.

Conforme relatado, em 16 de setembro de 2025, a equipe da Reserva Extrativista Verde Para Sempre deu início à execução do protocolo complementar de monitoramento de quelônios amazônicos. Essa ação foi realizada no âmbito do componente Áreas Alagáveis, vinculado ao subprograma Aquático Continental, integrando as atividades do Programa Monitora. De acordo com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade ICMbio.

> O Monitora “é um programa institucional de longa duração, voltado ao monitoramento do estado da biodiversidade e serviços ecossistêmicos associados, como subsídio à avaliação da efetividade de conservação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), à adaptação às mudanças climáticas e ao uso e manejo da biodiversidade nas UCs geridas pelo ICMBio, bem como às estratégias de conservação das espécies ameaçadas de extinção e controle das espécies exóticas invasoras, em todo o território nacional” (ICMBio, 2022a).

Diante do que foi apresentado no decorrer deste artigo, o projeto comunitário de conservação do tracajá (*Podocnemis unifilis*) na comunidade Maria de Mathias demonstrou que as ações locais desempenham papel fundamental na proteção da biodiversidade amazônica. A experiência do conhecimento tradicional, aliado à organização comunitária e

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0043

ao apoio institucional, pode resultar em estratégias eficazes de manejo e conservação. O envolvimento direto dos moradores, especialmente de crianças e jovens, fortalece não só apenas a proteção da espécie, mas também os processos de educação ambiental e de valorização cultural. A parceria com o ICMBio e tendo em vista outros projetos consolidados, como o Pé-de-Pincha e o Quelônios da Amazônia, contribuíram para o aprimoramento das práticas adotadas e para o aumento expressivo no número de filhotes soltos. Assim este projeto que foi implantado pelos próprios moradores dentro da comunidade tem grande potencial para inspirar outras iniciativas na Amazônia, reafirmando que a conservação dos quelônios está diretamente relacionada à proteção não somente dos ninhos e filhotes, mas também nos quelônios adultos e comunidades tradicionais fazerem um uso sustentável dos recursos naturais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. C. M. (org.). **Projeto Pé-de-pincha**: conservação e manejo de quelônios: manual para gestores ambientais - N. 2. Manaus: UNISOL/UFAM, 2015.

ANDRADE, P. C. M. **Criação e manejo de quelônios no Amazonas**. Manaus: IBAMA/ProVárzea, 2008.

BRASIL. [Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007]. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 316, 8 fev. 2007.

CASTRO, M. B.; GOMES, F. B. R. Projeto comunitário de conservação do tracajá na comunidade Maria de Mathias do Rio Quati, Porto de Moz, Pará. *In*: SEMINÁRIO DE BIODIVERSIDADE E USO DE RECURSOS NATURAIS, 11., 2024, Santarém. **Anais** [...]. Santarém: Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), 2024.

CUNHA, F. A.; CASTRO, B. M.; GOMES, F. B. R. *Podocnemis unifilis* (Yellow Spotted Amazon River Turtle): twin and triplet hatchling. **Herpetological Review**, [*S. l.*], v. 55, n. 2, p. 296-297, 2024.

FARIA, A. V. **Conservação dos quelônios amazônicos**: ecologia populacional e perfil dos caçadores da espécie *Podocnemis expansa* (tartaruga-da-amazônia) no entorno do Parque Nacional do Araguaia, Tocantins. 2018. 131 f. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2018.

GARCEZ, J. R. **Alimentação de tracajá (*Podocnemis unifilis*), iaçá (*Podocnemis sextuberculata*) e tartaruga-da-amazônia (*Podocnemis expansa*) no rio Juruá, Amazonas**. 2012. 78 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Urbana) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

IANSEN, Y. **O tráfico e a caça de animais silvestres no Tocantins e suas implicações para a conservação da biodiversidade regional**. 2020. 86 f. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade, Ecologia e Conservação) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2020.

IBAMA. **Projeto Quelônios da Amazônia**: 10 anos. Brasília, DF: IBAMA, 1989. 119 p.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio).

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0043

[Instrução Normativa nº 2, de 28 de janeiro de 2022]. Reformula o Programa Nacional de Monitoramento da Biodiversidade do Instituto Chico Mendes. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 8 fev. 2022.

LUZ, V. L. A. **Percepção e educação ambiental como subsídios de monitoramento e conservação de quelônios no município de Santa Maria das Barreiras, Pará, Brasil**. 2021. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2021.

MACHADO, J. R. F. Metodologias de pesquisa: um diálogo quantitativo, qualitativo e quali-quantitativo. **Devir Educação**, [*S. l.*], v. 7, n. 1, p. e-697, 2023. DOI: 10.30905/rde.v7i1.697. Disponível em: https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/697. Acesso em: 4 fev. 2026.

PEZZUTI, J. C. B. *et al.* A caça e o caçador: uma análise crítica da legislação brasileira sobre o uso da fauna por populações indígenas e tradicionais na Amazônia. **Biodiversidade Brasileira**, [*S. l.*], v. 8, n. 1, p. 42–74, 2018.

POMEROY, R. S.; RIVERA-GUIEB, R. **Fishery co-management**: a practical handbook. London: CABI–IRDC, 2005. 283 p.

RHODIN, A. G. J. *et al.* **Turtles of the World**: Annotated Checklist and Atlas of Taxonomy, Synonymy, Distribution, and Conservation Status. 10. ed. [*S. l.*]: Chelonian Research Foundation: Turtle Conservancy, 2025. 575 p. (Chelonian Research Monographs, n. 10). Disponível em: https://iucn-tftsg.org/checklist/. Acesso em: 18 fev. 2026.

ROCHA, J.; TERÁN, A. O projeto manejo de quelônios amazônicos “Pé-de-Pincha” e sua contribuição na educação científica em duas comunidades ribeirinhas do assentamento agrícola “Vila Amazônia”, Parintins-AM. **Revista Areté**: revista amazônica de ensino de ciências, Manaus, v. 4, n. 6, p. 57–70, 2017.

SILVA, D.; TERÁN, A.; JACAÚNA, C. Processos de educação científica a partir de atividades de conservação de quelônios amazônicos em comunidades ribeirinhas do Baixo Amazonas. **Revista Areté**: revista amazônica de ensino de ciências, Manaus, v. 4, n. 6, p. 71–79, abr. 2017.

SILVA, R. C. A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisas. *In*: **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Editora Legis-Summa, 1998. p. 159-174.

SMITH, N. J. H. Destructive exploitation of the South American river turtle. **Yearbook of the Association of Pacific Coast Geographers**, [*S. l.*], v. 36, p. 85–102, 1974. Acesso em: 4 fev. 2026.

SOINI, P. Un resumen comparativo de la ecología reproductiva de los quelonios acuáticos. *In*: **Investigaciones en Cahuana**: 1980–1994. Lima: CDC–UNALM/FPCN/TCN, 1995. p. 215–226. (Informe, 19).

VOGT, R. C. **Tartarugas da Amazônia**. Lima: Biblos, 2008. 103 p.

RESCX Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu
Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0043

Apêndice A - Questionários e perguntas direcionadoras para a coleta de dados com os participantes adultos, crianças e o conselheiro da RESEX.

Questionário – Entrevista com Participantes do Projeto e Moradores da Comunidade

1. Identificação
2. Nome (opcional): _____
3. Idade: _____
4. Há quanto tempo mora na comunidade? _____
5. Você participa diretamente do projeto de conservação do tracajá?
( ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes
6. Se sim, há quanto tempo? _____
7. Primeiros passos do projeto
8. Como começou o projeto de conservação dos tracajás na comunidade?
9. Quem foram as primeiras pessoas envolvidas na iniciativa?
10. Qual foi o motivo principal que levou a comunidade a criar esse projeto?
11. Quais dificuldades surgiram no início do projeto?
12. A comunidade recebeu alguma orientação externa (instituição, órgão público)?
( ) Sim ( ) Não
Se sim, qual?
13. Métodos utilizados e comparação com projetos institucionalizados
14. Quais métodos vocês utilizam hoje para proteger os tracajás?
☐ Vigilância dos ninhos
☐ Coleta e transferência dos ovos
☐ Incubação artificial
☐ Soltura de filhotes
☐ Monitoramento do ambiente
☐ Outros: _____
15. De onde vieram esses métodos?
( ) Tradição da comunidade
( ) Aprendizado com pais e avós
( ) Cursos / instituições (ICMBio, ONGs, universidade)
( ) Mistura de conhecimentos
16. Você já ouviu falar de projetos oficiais/institucionalizados de conservação de quelônios?
( ) Sim ( ) Não
17. Na sua opinião, o que o projeto comunitário faz igual, parecido ou diferente desses projetos oficiais?
18. Você acha que os métodos usados aqui são eficazes? Por quê?
19. Potencial de educação ambiental
20. Como você aprendeu sobre a importância de cuidar dos tracajás?
21. O projeto ajuda as crianças, jovens ou adultos a aprender sobre a natureza?
( ) Sim ( ) Um pouco ( ) Não
Explique: _____
22. Quais atividades do projeto você considera mais educativas?
☐ Soltura de filhotes
☐ Aulas/oficinas
☐ Conversas na comunidade
☐ Participação das crianças
☐ Outros: _____
23. O projeto mudou seu jeito de pensar ou agir em relação à natureza?
( ) Sim ( ) Um pouco ( ) Não
Se sim, como? _____
24. O que poderia melhorar para tornar o projeto ainda mais educativo?
25. Avaliação do sucesso do projeto
26. Você acha que o projeto está tendo sucesso?
( ) Sim ( ) Em parte ( ) Não
Por quê? _____
27. Na sua opinião, a quantidade de tracajás aumentou, diminuiu ou está igual nos últimos anos?
( ) Aumentou ( ) Diminuiu ( ) Igual ( ) Não sabe
28. O que você considera como sinais de que o projeto está funcionando?

RESCX Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu
Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0043

☐ Mais filhotes nascendo
☐ Engajamento da comunidade
☐ Aumento da vigilância
☐ Menor caça
☐ Maior conscientização
☐ Outros: _____

29. Que desafios o projeto enfrenta hoje?
30. O que você acha que deve ser feito para garantir a continuidade e o fortalecimento do projeto?
31. Conhecimento tradicional e técnico dos comunitários
32. O que os mais velhos da comunidade contam sobre o tracajá e o cuidado com esse animal?

---

33. Que saberes tradicionais (conhecimentos dos antigos) são usados no projeto?
34. Você já recebeu orientações técnicas (científicas) para melhorar o trabalho?
( ) Sim ( ) Não
Se sim, quais? _____
35. Como você enxerga a união entre o conhecimento tradicional e o conhecimento técnico?
36. Para você, por que é importante proteger o tracajá?

37. Questionário Infantil – Entrevista com Criança Participante do Projeto de Conservação do Tracajá
38. Sobre você
a. Qual é o seu nome? _____
b. Quantos anos você tem? _____
c. Em que comunidade você mora? _____
d. Você participa do projeto há quanto tempo?
☐ Menos de 1 ano
☐ 1 ano
☐ Mais de 1 ano / desde pequeno(a)

39. Participação no projeto (Primeiros passos e envolvimento)
40. Como você começou a participar do projeto?
41. Quem chamou você para participar?
☐ Pai/Mãe
☐ Professor(a)
☐ Amigos
☐ Pessoal do projeto
☐ Outro: _____
42. O que você faz no projeto?
☐ Ajudo a vigiar ninhos
☐ Ajudo a pegar/contar ovos
☐ Participo da incubação
☐ Solto filhotes no rio
☐ Faço atividades, desenhos, aulas
☐ Outro: _____
43. Qual dessas atividades você mais gosta de fazer? Por quê?
44. O que você aprendeu (Educação ambiental)
45. O que você aprendeu sobre o tracajá participando do projeto?
46. Você aprendeu por que o tracajá é importante para a natureza?
☐ Sim ☐ Mais ou menos ☐ Não
Se sim, conte o que você sabe:
47. Você aprendeu algo sobre cuidar do rio, da mata ou dos animais?
48. Depois de participar do projeto, você mudou alguma coisa no seu jeito de cuidar da natureza?
☐ Sim ☐ Um pouco ☐ Não
Se sim, o quê? _____
49. Conhecimento tradicional e técnico
50. Quem te ensinou primeiro sobre o tracajá?
☐ Família (pais, avós)
☐ Gente da comunidade
☐ Professor(a)
☐ Pessoal do projeto

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0043

☐ Outro: _____

51. Você aprendeu alguma história, jeito antigo ou tradição sobre como cuidar dos tracajás?
52. Você também aprendeu alguma coisa mais "técnica", como contar ovos, medir ninhos ou cuidar dos filhotes?
    ☐ Sim ☐ Não
    Se sim, o que? _____
53. Avaliação do projeto pelo olhar da criança
54. Você acha que o projeto está ajudando os tracajás?
    ☐ Sim ☐ Um pouco ☐ Não sei
    Por quê? _____
55. Você acha que tem mais tracajás do que antes?
    ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
56. O que você acha mais importante no projeto?
57. O que poderia melhorar no projeto para ficar ainda melhor?
58. Opiniões e sentimentos
59. O que você sente quando ajuda a soltar os filhotes?
60. Você gostaria de continuar participando do projeto?
    ☐ Sim ☐ Talvez ☐ Não
61. Se você pudesse dar um conselho para outras crianças sobre cuidar do tracajá, qual seria?
62. **Roteiro de Entrevista – Conselheiro da Comunidade / Resex Verde Para Sempre**

Identificação

a. Nome do entrevistado: _____
b. Função / Cargo no Conselho: _____
c. Tempo de atuação como conselheiro: _____
d. Comunidade de origem: _____

Contexto e percepção geral

63. Como o senhor(a) avalia a importância do tracajá para as comunidades da Resex?
64. Há quanto tempo existem ações de conservação de tracajás na região?
65. Como surgiu a ideia (ou a necessidade) de criar um projeto voltado à conservação dessa espécie?

Gestão e participação comunitária

66. De que forma o Conselho da Resex participa ou apoia o projeto de conservação do tracajá?
67. Quais são as principais parcerias envolvidas (comunidade, ICMBio, escolas, universidades etc.)?
68. Como se dá a participação da comunidade nas atividades (coleta de ovos, incubação, soltura, vigilância, educação ambiental)?
69. Quais desafios o Conselho enfrenta na gestão ou apoio a esse tipo de iniciativa?
    ☐ Falta de recursos ☐ Falta de apoio técnico ☐ Desinteresse da comunidade
    ☐ Dificuldade de fiscalização ☐ Outros: _____

Resultados e impactos

70. Na sua percepção, o projeto trouxe resultados positivos? Quais seriam?
71. Há registros de aumento da população de tracajás ou maior conscientização das famílias?
72. O senhor(a) acredita que o projeto contribui para fortalecer o sentimento de pertencimento e a valorização da natureza entre os ribeirinhos?
    ( ) Sim ( ) Parcialmente ( ) Não — Por quê? _____

Sustentabilidade e futuro do projeto

73. Que medidas o Conselho considera importantes para garantir a continuidade do projeto?
74. Existem planos de ampliar ou integrar o projeto com outras ações de manejo ou educação ambiental?
75. Que apoio o Conselho gostaria de receber (institucional, técnico ou financeiro) para fortalecer a conservação dos tracajás?
76. Que mensagem o senhor(a) deixaria para as novas gerações sobre o cuidado com o tracajá e com a natureza?